

UMA GRAMATIQUINHA, SÓ QUE NÃO

Rosana Rodrigues da Silva¹
Maria Gorette Côgo da Silva²

POSSENTI, Sírio. *Questões de linguagem: passeio gramatical dirigido*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Questões de Linguagem: passeio gramatical dirigido, escrito pelo professor, pesquisador e escritor, Dr. Sírio Possenti, um dos mais conhecidos e respeitados linguistas brasileiros, desperta e prende a atenção do leitor a partir dos títulos sugestivos e até bem humorados de cada capítulo. É realmente um passeio pelas questões da linguagem, principalmente, pelas que se referem à gramática.

Não há como negar que, para o senso comum, os gramáticos pensam a mesma coisa e descrevem de modo igual através de regras todos os fatos da língua. É comum dizermos e ouvirmos “a gramática diz isso ou aquilo”. Não cogitamos a possibilidade de debate e muito menos de análise no campo da gramática. Temos a certeza de que se trata de um conhecimento pronto, sobre o qual não há discussão possível. Nesta obra, Sírio Possenti nos prova o contrário, com as análises realizadas acerca dos diversos conceitos gramaticais, tidos por muitos como imutáveis, mostrando que a gramática é a teoria das línguas. Pode e deve ser experimentada, questionada e testada.

O livro é fruto da escrita de dois fascículos encomendados por uma rede de escolas, não para substituir gramáticas, mas para que professores e alunos do Ensino Médio lessem por dentro das gramáticas, vistas pelo autor como o ponto cego da educação.

¹ Doutora em Letras pela UNESP de São José do Rio Preto (2003). Professora efetiva do curso de Letras e do Mestrado profissionalizante (PROFLETRAS), da UNEMAT (Universidade do Estado do Mato Grosso), Campus de Sinop. E-mail: rosana.rodrigues@unemat-net.br

² Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Faculdade de Educação de Cacoal - FEC em 1998. Pós-graduada em Educação Interdisciplinar e Metodologia do Ensino Fundamental pela AJES –ISE Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena em 2008. Mestranda do Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS/UNEMAT/Sinop, professora da educação básica de Língua Portuguesa na Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), lotada na Escola Estadual “Professor Elídio Murcelli Filho, Aripuanã/MT. E-mail: gorettegogo@hotmail.com

A linguagem é simples, dado o público alvo, o que tornou a leitura clara e de fácil entendimento para o leitor com conhecimentos básicos na área. Sofreu pouquíssimas alterações em seu formato original, mantendo pequenas seções, chamadas de Conexão, que discutem temas como verbos auxiliares, regência, sujeito e predicado, pronomes fonologia e semântica, citados no texto central.

O livro é composto por duas partes: *Gramática: os diversos contextos* e *Um passeio gramatical dirigido*. Na primeira parte, apresenta-se um certo modo de fazer ou de ler gramáticas, servindo-se de casos exemplares, mas o enfoque maior é mostrar ao leitor que a gramática é tão mal vista nas aulas de língua portuguesa (nada muito novo, já que o tema foi abordado em outros livros publicados pelo autor) porque, em geral, é mal ensinada. Não se estuda gramática como se estuda história e biologia que tentam compreender fatos que ocorreram, como são as coisas no domínio dos seres vivos ou como se explica o mundo. Para o autor, o objeto de estudo da gramática são também fatos do mundo, como nas outras matérias, cercados de valores e entendimentos variados.

Na segunda parte, continua o passeio pelos tópicos gramaticais, mas fica clara a preocupação com as questões práticas. Nela, o que se propõe é mostrar que certos assuntos, considerados problemáticos a ponto de evitá-los em nossas escritas, não são tão complexos assim. Trata-se também aspectos mais atuais da língua como é o caso do gerundismo.

Deixando nítido o público alvo para quem o livro originalmente foi escrito, o autor inicia a obra sugerindo a construção de um *vade-mécum*, uma consulta particular construída pelo leitor a partir de suas dificuldades mais comuns e as soluções que encontra diariamente para o uso de certas expressões ou construções linguísticas. Segue durante toda a obra propondo exercícios, atividade de pesquisa em *blogs* e *sites* e como professor aconselha o leitor, como na passagem “Se conselho valesse, eu diria: na dúvida, nada de crase. E os erros diminuiriam seguramente” (p. 135), descrito no tópico em que analisa o ensino da crase.

Possenti deixa claro que seu livro não é uma gramatiquinha e usa o termo sem nenhuma cerimônia ou sinal gráfico que o qualifique como pejorativo. Explica que se difere das demais, as quais considerada “gramatiquinhas” ou almanaques, levando em conta as consultas feitas pelos usuários. Além de abordar aspectos da língua, suas

convenções e regras pretendem mostrar os procedimentos pelos quais se constrói uma gramática e mais, pretende levar o leitor a compreender esses procedimentos, o que fica claro no capítulo “Fazendo uma gramatiquinha”, onde o autor simula o processo de construção de uma gramática.

Aspecto importante e polêmico, que salta aos olhos durante toda a leitura, é o tratamento que o autor dá ao “erro”. Pode até parecer que o autor faz apologia ao não corrigir, ao falar errado, mas o autor trata o tema com muita responsabilidade, tendo como prováveis leitores professores de Língua Portuguesa. Para ele os erros são resultados de tentativas de acertos e todos têm uma lógica, seguem regras internalizadas pelos usuários da língua em dado contexto. Fica claro seu entendimento de que o erro está na escola que explica segundo uma gramática e corrige segundo outra, completamente diferente. Usando as palavras do autor, “a escola tenta explicar aos alunos noções elementares como as de sujeito e predicado com amplo insucesso. O problema não pode estar nos alunos, já que eles compreendem coisas bem mais sofisticadas em outros campos” (p. 64).

Engana-se quem pensa que o autor aconselha a não correção. Segundo ele, na reescrita, claro, devem-se corrigir os erros ortográficos, de concordância, acentuação, pontuação mas não se deve ater somente a isso. Defende que há um destaque indevido para erros observados na fala de um indivíduo o que se observa também nas salas de aula. Para o autor, os professores contabilizam erros indiscriminadamente. Declara que a ideia de que alguém possua a fala ‘toda’ errada não corresponde à realidade, pois falamos segundo normas estruturais internalizadas, de forma que eventuais erros de pronúncia e concordância não significam que alguém não saiba falar corretamente.

Sobre esse tema, em entrevista recente, disse: “As polêmicas são esperadas. É que, em se tratando de língua, considerar que um fato é um fato (uma trivialidade para outros campos) e não um erro, ainda pode ser escandaloso”. (Entrevista concedida à *Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística* do Curso de Letras da Faculdade de Tecnologia- IPUC- FATIPUC, v. 1, n. 1, janeiro/junho/2013).

Mais escandaloso seria pensar a escola sem o ensino da gramática, já que ela continua orientando o Ensino Fundamental e Médio, além de figurar em provas de vestibulares e concursos por todo o país. Sorte a nossa, usuários da língua, que escândalo não é a intenção do autor. Antes, parece-me que seu maior desejo é o ensino

da gramática nas escolas, mas não essa que aprendemos a temer, não as “gramatiquinhas”, e sim a que se aproxime cada vez mais do exercício diário da linguagem.

Para finalizar, é necessário ressaltar que o tema tratado na totalidade da obra não é assunto novo para o autor. São dele obras como “Por que (não) ensinar gramática na escola” (1996) e “Mas o que é mesmo gramática” (org.) de 2006. Em ambas a proposta é bem semelhante: discutir a necessidade e a forma de se ensinar gramática nas escolas brasileiras.

Com a leitura, professores e alunos poderão extrair com facilidade, de “Questões de Linguagem: passeio gramatical dirigido”, referências seguras para definir ou redefinir sua prática pedagógica, ajudando a desmistificar a questão: ensinar ou não gramática? Seguramente, é preciso estudar essa matéria como se estuda qualquer outra, tratando seus objetos como fatos do mundo. Deve-se encarar seu estudo como um processo que possibilite ao aluno realizar formulações, exercitar a linguagem e conseqüentemente aceitar ou recusar hipóteses. De nós, professores, espera-se evitar a artificialidade devendo-se buscar no conhecimento e uso da língua a compreensão dos aspectos gramaticais. Deixar de trabalhar a gramática em nossas aulas de Língua Portuguesa? Não. Mas, trabalhar em primeiro lugar a gramática internalizada, depois a descritiva e, por último, se necessário, a normativa. Isto seria romper com práticas enraizadas em nossas escolas. Cortemos o mal pela raiz.

Referências

FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda Vailat; MÜLLER, Ana Lúcia de Paula. *Mas o que é mesmo Gramática?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Lingu@ Nostr@ - Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística do Curso de Letras da Faculdade de Tecnologia IPUC – FATIPUC. *O ensino de Língua Portuguesa na educação básica: ensinar ou não gramática – entrevista com Sírio Possenti*. Canoas/RS, Volume 1, Número 1, janeiro / junho de 2013.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, ALB. Mercado de Letras, 1996, 96 p. Coleção Leituras do Brasil.

Recebido em 04/05/2016.

Aprovado em 02/06/2016.